



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

O universo dos estudantes das escolas públicas no discurso de *Malhação – Seu Lugar no Mundo*¹

Carolina Saboia²
ESPM-SP

Maria Amélia Paiva Abrão³
ESPM-SP

Resumo

A telenovela é a narrativa da nação, presente em todos os lares brasileiros, traz temas para serem discutidos pela sociedade. Neste artigo, a partir da análise de *Malhação – Seu Lugar no Mundo* (Globo, 2015) buscamos levantar alguns dos diálogos entre o cotidiano ficcional e o cotidiano concreto dos adolescentes do ensino público brasileiro. Para tanto, partimos da Análise do Discurso de linha Francesa que investiga a produção de sentidos, os ditos, o silenciamento, o interdiscurso, entre outros, para analisar as cenas selecionadas.

Palavras-chave: Comunicação; telenovela; consumo; cotidiano

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Educação e Consumo, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Mestranda em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM-SP (Bolsista Prosup/Capes). Integrante do grupo de pesquisa do CNPq denominado Comunicação, educação e consumo: as interfaces na teleficação. Participante da rede OBITEL Brasil, na equipe do PPGCOM/ESPM. Graduada em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional pela UnB. E-mail: carolsaboia66@gmail.com

³ Doutoranda e Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM ESPM). Especialista em Marketing, com MBA Executivo (ESPM-SP). Pesquisadora do Grupo CNPq de Pesquisa Comunicação, Educação e Consumo: as interfaces da teleficação e da rede de pesquisadores OBITEL Brasil /ESPM. E-mail: amelia.abrao@gmail.com



INTRODUÇÃO

No Brasil, a televisão é uma das principais fontes de informação e lazer para uma parcela de brasileiros menos privilegiada monetariamente, assim como outros países da América Latina (BACCEGA; BUGAD, RIBEIRO, 2012). As telenovelas são instrumentos de entretenimento televisivo que, há mais de 60 anos, colocam em pauta discussões sociais relevantes, como homofobia, discriminação racial, violência contra as mulheres, dentre diversos outros aspectos. Portanto, as novelas têm papel artístico e social, em que transmitem e/ou reforçam diversos valores sociais.

Nesse panorama, sabemos que as novelas são pensadas por meio de elementos culturais reconhecidos pela sociedade e, desta forma, acabam selecionando e reforçando determinado tipo de construção social. Há uma mescla entre o público e o privado nessas narrativas, de maneira que é construído um espaço comum de identificação e projeção. Assim, a telenovela consegue “sintetizar problemáticas amplas em figuras e tramas pontuais e, ao mesmo tempo, sugerir que dramas pessoais e pontuais podem vir a ter significado amplo” (LOPES, 2009, p. 27).

Lopes (2009) aponta que a telenovela brasileira é uma figura central da cultura e da identidade do Brasil. De acordo com a autora, é comum nas telenovelas a identificação “entre personagens da ficção e figuras públicas verdadeiras entre as tramas e os problemas reais” (ibidem, p.22), e a tendência de uma verossimilhança. Para a autora, a novela tornou-se uma forma de narrativa ficcional sobre a nação.

Para Motter (2000-2001), a construção da telenovela brasileira se firma em alguns elementos como “o compromisso social, um modo peculiar de estruturação do cotidiano e a incompletude – que lhe permite manter com o telespectador um diálogo vivo” (ibidem, p. 76). Nesse sentido, as telenovelas se apropriam do cotidiano e tomam forma de memória histórica da sociedade brasileira, “a telenovela cumpre esse papel documental ao refletir e refratar o momento do qual ela participa enquanto ficção” (ibidem, p.76). Vale ressaltar que as obras possuem um roteiro aberto, em que é possível realizar diversas modificações conforme as reações do público.

Dialogando com os estudos de Baccega (2003), essa imbricação entre real e ficcional é de suma importância para os estudos de telenovela, sobretudo, pelo potencial educativo da linguagem narrativa desse produto cultural.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Ademais, a telenovela frequentemente expõe conceitos e caminha “com êxito no sentido de persuasão da população em geral” (ibidem, p.8). Para a Baccega (2003), estudar a telenovela não é apenas investigar quais temas ela apresenta aos telespectadores e como eles influenciam seu cotidiano. É, também, pesquisar como esse gênero televisivo manifesta interesses da sociedade, hábitos e práticas de consumo.

Telenovela e vida cotidiana

A telenovela *Malhação – Seu Lugar no Mundo* (Globo, 2015) foi ao ar no dia 17 de agosto de 2015. Os capítulos iniciais obtiveram quase a mesma audiência (16,2 pontos) dos da antecessora *Malhação - Sonhos* (Globo, 2014) (15,6 pontos)⁴, considerada insatisfatória para a semana de lançamento. Porém, com o desenrolar da narrativa, os pontos do IBOPE foram aumentando gradativamente, obtendo uma média geral de 17 pontos⁵, uma das melhores desde *Malhação - Conectados* (Globo, 2011). Vale ressaltar que nas semanas finais a média se manteve acima dos 20 pontos de audiência.

A história narra o universo de duas escolas públicas, a Dom Fernão, que possui poucos recursos e vários problemas relativos à estrutura física e aos salários de professores, e a Leal Brazil, que é considerada uma escola exemplo: recebe mais incentivos da Secretaria de Educação, além de patrocínios de empresas privadas, que faz com que o processo seletivo de alunos seja um dos mais rígidos dentre as escolas públicas. A trama se movimenta ao redor da rixa entre os estudantes de ambas as instituições, enquanto os alunos do Dom Fernão pertencem à classe média baixa, tendo que conciliar estudo e trabalho, os alunos da Leal Brazil, em sua maioria, pertencem à classe média alta.

Malhação – Seu Lugar no Mundo (Globo, 2015) retrata o cotidiano dos adolescentes vivenciado durante o ensino médio, seus amores, angústias e conquistas. O cotidiano ficcional tece um permanente diálogo com o mundo real e com a cotidianidade dos adolescentes de escolas públicas brasileiras, fazendo com que os receptores/ consumidores da telenovela reconheçam e se reconheçam nos fragmentos narrativos demarcados.

⁴ AUDIÊNCIA DETALHADA. *Malhação - Sonhos*. Disponível em: <<http://bit.ly/MalhacaoSonhos>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

⁵ AUDIÊNCIA DETALHADA. *Malhação - Seu Lugar no Mundo*. Disponível em: <<http://bit.ly/MalhacaoSLM>>. Acesso em: 25 mar. 2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Daí a importância em estudar a telenovela e seu contexto histórico, o momento em que esta é escrita e transmitida, pois é no cotidiano que ocorre a produção e (re)significação de sentidos. Dada a sua complexidade e contraditoriedade, a vida cotidiana deve ser objeto de reflexão e análise. Para Heller (2008), ela não se encontra “‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência’ da substância social” (HELLER, 2008, p. 34, grifo autor).

É um espaço de produção sentidos, mas também de embates, de lutas pela manutenção dos significados produzidos pelo poder hegemônico, que são (re)transmitidos nas relações sociais através dos meios de comunicação, da escola, da Igreja, dentre outros, em uma constante negociação de valores entre as classes, ou seja, “[...] a hegemonia é a capacidade que um grupo social tem de exercer a direção intelectual e moral da sociedade, a sua capacidade para construir em torno de seu projeto um novo sistema de alianças sociais [...]” (MATTELART, 1997, p. 90).

Para Baccega (2007), é através da linguagem que as ideologias são transmitidas ao longo de gerações: “ao nascer o homem encontra, portanto, uma história em processo” (BACCEGA, 2007, p. 30). A sociedade mantém-se em constante transformação, que ocorre de maneira lenta e gradual, os significados culturais são transportados ao longo dos anos, se ressignificando no cotidiano social, como se fosse um palimpsesto. Cada discurso “vai refratar a realidade a partir de suas normas, visto que cada um deles tem uma função social específica na totalidade da sociedade” (BACCEGA, 2007, p. 31).

Visto que a produção de sentidos ocorre nas relações sociais, nos embates do cotidiano pela disputa do poder, na produção de novos significados e que os meios de comunicação corroboram com a sua elaboração e vigência, este artigo propõe, a partir de *Malhação – Seu Lugar no Mundo*, refletir como a telenovela tece o diálogo com o cotidiano dos adolescentes e das escolas públicas, de onde retira substrato para suas tramas e subtramas.

A narrativa ficcional e sua intersecção com o cotidiano

A telenovela é uma obra aberta que se espalha pelo cotidiano social. Assistida/ consumida por pessoas de todas as classes, independente da religião e/ ou da localização em que vivem. Muitas de suas temáticas advêm do diálogo com a sociedade, dos acontecimentos rotineiros e dos extraordinários, das conversações entre seus receptores/ consumidores nas mídias sociais, enfim, é



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

uma narrativa tecida em consonância com a vida cotidiana. Considerando que esta não se faz apenas das atividades do dia a dia, da recorrência, mas “da variação e sedimentação, que de acordo com Redá ou Certeau transforma o *quotidien* em uma esfera da invenção” (SHERINGHAM, 2006, p. 361).

A inclusão do cotidiano, seus temas políticos, econômicos, sociais, seus comportamentos mecânicos se dá numa lógica ficcional que tem por referência a lógica cultural daquela sociedade. Assim, as transformações que ocorrem no nível ficcional, a solução de tensões, o encaminhamento de soluções de problemas passam a sugerir soluções possíveis no nível do real, pois estão todos imersos na mesma história cultural: dramaturgos e espectadores (BACCEGA, 2003, p.10).

Observando este diálogo entre narrativa ficcional e realidade concreta, este artigo busca refletir sobre como *Malhação – Seu Lugar no Mundo* (Globo, 2015) extraiu da vida cotidiana temas relacionados ao universo dos estudantes de escolas públicas para serem problematizados na narrativa no período em que esteve no ar. Para tanto, optou-se por analisar os dois primeiros meses em que a teleficção foi transmitida.

Os primeiros capítulos são de fundamental importância em uma telenovela, primeiro, por apresentarem a seus receptores/ consumidores a trama principal e os demais acontecimentos que se desdobrarão ao longo dos meses. Outra importância dos capítulos iniciais deve-se ao fato de estes serem capazes de conquistar seus telespectadores ao mesmo tempo que os fazem adentrar em um novo mundo ficcional, distinto do da telenovela transmitida anteriormente. Nesse enfoque, após a análise dos capítulos, selecionamos algumas cenas que são fruto das trocas entre os cotidianos ficcional e concreto. Para a seleção das cenas, consideramos a análise do discurso de Linha francesa (ADF) que concebe o discurso como uma fala repleta de sentidos, de ideologias que se materializam através da língua, buscando através do dito, do silenciamento, dos esquecimentos e do interdiscurso a produção de sentido em *Malhação – Seu Lugar no Mundo* (Globo, 2015).

A seguir, analisaremos o desenrolar de alguns subtemas ao longo da telenovela e como estas histórias se inter cruzam com as do cotidiano social.



O cotidiano ficcional da escola pública Dom Fernão

A primeira história analisada se desenvolve em uma série de cenas apresentadas nos primeiros capítulos⁶ em que o diretor da escola pública Dom Fernão, após atos de vandalismo no interior do colégio, decide instalar câmeras de segurança em todos os ambientes, inclusive nos banheiros. Em uma das cenas, Sueli, professora, conversa e questiona o diretor sobre a instalação das câmeras como forma de monitoramento (Figuras 1 e 2, Diálogo 1).



Figura 1: Instalação da TV de monitoramento
Fonte: GloboPlay (cap. 36)



Figura 2: Sueli incomodada com as câmeras
Fonte: GloboPlay (cap. 36)

Sueli: Será que o Big Brother Brasil tem uma tela tão grande quanto essa daqui do Big Brother Dom Fernão?
Samuel: Você está fazendo piadinha, mas isso vai ajudar muita gente. Ouviu, Sueli?
Sueli: Olha, a gente tem que ter champanhe e faixa cor de rosa, hein? Para o dia da inauguração!
Samuel: Engraçado... Muito engraçado!
Sueli: é... Só quem não está achando engraçado são seus alunos, né Samuel? Eu soube que o terceiro ano assistiu sua aula de costas.
Samuel: (Risos) Eu enchi o quadro negro de matéria, tiverem que ficar copiando depois da aula.
Sueli: Hm... E você vai colocar câmeras de segurança no colégio inteiro?
Samuel: Tudininho: sala de aula, banheiro, tudo!
Sueli: Hm, sei... mas só aqui dentro da sua sala que você não colocou câmera nenhuma, né?
Samuel: Engraçado, Sueli. Engraçado...

Diálogo 1: Sueli e Samuel conversam sobre a instalação das câmeras de segurança

Fonte: GloboPlay (cap. 36)

⁶ Cenas analisadas dos capítulos 36 e 39.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Foucault (1987) explica o panóptico, idealizado por Jeremy Bentham, como sendo uma prisão circular em que o vigilante ficaria no centro, em uma torre de material espelhado. Nessa posição, o vigilante poderia visualizar a todos os prisioneiros sem que eles soubessem se estão ou não sendo observados, pois não poderiam vê-lo. Foucault extrapolou o modelo concreto da arquitetura dessa penitenciária idealizada em um sistema moderno de pensamento, explicando como escolas, fábricas, hospitais e diversas outras instituições seguem certos padrões de vigilância permanente. Ou seja, para Foucault (1987), o controle da sociedade é reflexo desse sistema.

Nessa perspectiva, podemos dizer que as câmeras de segurança instaladas no Dom Fernão exemplificariam a teoria foucaultiana sobre esse dispositivo disciplinar. Por isso, a professora Sueli se incomoda (Figura 2) e compara a atitude do diretor com o reality show Big Brother Brasil criando, assim, o neologismo “Big Brother Dom Fernão”. Vemos que a tela grande na sala de Samuel (Figura 1), na qual ele teria acesso às imagens de todas as câmeras de segurança, permite um “olhar panóptico” do que ocorre na escola. Mesmo que não sejam apresentadas na cena todas as características descritas no modelo Panóptico de Foucault, a funcionalidade do posicionamento da televisão na sala do diretor remete a uma forma de vigilância efetiva.

Entretanto, apesar das câmeras serem um dispositivo de vigilância, a comparação feita por Sueli é equivocada, pois, no reality show, os participantes aceitam ser observados. Já no contexto da escola, os alunos não aceitaram de forma deliberativa esse monitoramento.

Os alunos do colégio Dom Fernão ficaram revoltados com as câmeras. Na história que se desenvolve no decorrer dos capítulos, em certo momento, a aluna Jéssica decide enfrentar o diretor e discute, junto aos colegas, com Samuel. A reclamação se baseia no fato de que as câmeras instaladas no banheiro, na visão dos alunos, inibem sua privacidade. O argumento principal da estudante é que ela se sente coagida com o monitoramento, impossibilitando-a de trocar de roupa. Passado um tempo narrativo, Samuel anuncia, em sala de aula, que as câmeras dos banheiros foram retiradas.

No Diálogo 1, vimos que o diretor não possui câmera em sua sala, deixando clara uma relação de poder dentro da instituição. O entendimento da palavra de poder é multifacetado e não existe uma definição exata nos estudos sociais. Foucault (1987) aponta que as relações de poder não se baseiam apenas de uma “força” macroestrutural para uma microestrutura. Para o autor, os elos se estabelecem, também, em microrrelações de poder, que estão presentes em toda a sociedade e variam conforme o contexto social e histórico.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Quando Jéssica discute com Samuel conseguimos perceber outras relações de poder presentes na escola. Assim como afirma Foucault, o poder não é “uma coisa” que alguém detém. Para o filósofo, o poder flui socialmente como uma rede de relações, na qual todos os sujeitos estão envolvidos como geradores ou receptores, produzindo práticas disciplinares a essas relações. Por isso, os alunos são receptores desse poder, mas são, também, produtores. A aluna conseguiu com que o monitoramento fosse retirado dos banheiros, deixando claro como as microrrelações de poder fluem no sistema social.

O tema abordado nesta teleficção está presente no cotidiano das escolas brasileiras. Podemos citar como exemplo a Escola Sebastiana Cobra, em São José dos Campos, no interior de São Paulo⁷, que, em 2012, instalou câmeras de monitoramento para evitar casos de vandalismo e brigas no ambiente escolar. Os aparatos de segurança, distribuídos por toda a unidade de ensino, foram colocados inclusive nos banheiros, o que gerou revolta entre alunos.

Ainda investigando discussões abordadas no núcleo da escola Dom Fernão, trazemos a história em que o aluno Beto faz um rap para criticar os problemas do colégio e o diretor, que ao invés de resolvê-los, se preocupa mais com o uso do uniforme (Figuras 3, 4 e 5). No vídeo, o estudante ainda traz um discurso muito pronunciado principalmente pelos alunos da escola rival (Leal Brazil), afirmando que no Dom Fernão “entra burro e sai ladrão”, reforçando a ideia de que os estudantes do Dom Fernão nada aprendem e que, por não terem um ensino de qualidade, o caminho que lhes resta é o do crime.

Beto mostra o vídeo postado nas redes sociais aos colegas que adoram a iniciativa. Entretanto, o professor/ diretor Samuel chega à sala de aula e descobre sua existência. A história se desenrola ao longo de outros capítulos em que Beto é suspenso do colégio e obrigado a apagar o vídeo das redes sociais.

⁷ Jornal O Globo. Escola em São Paulo cria polêmica ao colocar câmeras nos banheiros. Disponível em: <<https://glo.bo/2v7goHK>>. Acesso em 02 de abril de 2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO



Figura 3: Beto mostra vídeo aos colegas
Fonte: GloboPlay (cap. 14)

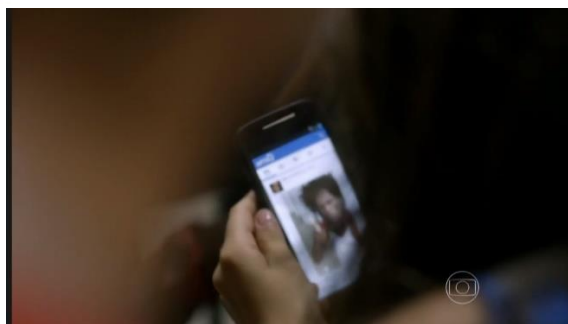


Figura 4: Vídeo postado nas redes sociais
Fonte: GloboPlay (cap. 14)



Figura 5: Críticas aos problemas do Dom Fernão
Fonte: GloboPlay (cap. 14)

Ao encontrar seus colegas e informar-lhes que fora suspenso do colégio, Beto diz: “não perdi nada sendo suspenso. No Dom Fernão não rola aula, rola tortura”. Mais uma vez, o discurso do aluno traz a insatisfação pela escola e pelos professores. Ao longo do diálogo alguns colegas concordam com Beto, inclusive questionando se não valeria a pena abandonar a escola e arrumar um emprego melhor. Eis que Jéssica, uma das alunas, discordando dos demais diz: “se for para ficar servindo suco, trabalhando em posto de gasolina, entregando jornal, realmente não precisa estudar, mas depois não reclama quando os *playboyzinhos* [em referência aos alunos do Leal Brazil] virarem nossos patrões”. Este discurso, além de diminuir alguns trabalhos frente a outros, está imbuído do mito da meritocracia que prenuncia a possibilidade daquele que estuda e trabalha duro ser bem-sucedido e não ter “os *playboyzinhos* como patrões”. Nessa perspectiva, presume-se que os cidadãos têm as mesmas oportunidades.

Para Bloodworth (2016), há uma falsa ideia de acesso a melhores empregos através da educação. Em verdade, os alunos provenientes da classe baixa já iniciam seus estudos em desvantagem aos alunos da classe alta. Estes ainda têm uma história familiar de acesso à educação e



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

formação superior que os guiarão através dos estudos. O autor ressalta ainda o fato de muitas empresas realizarem o processo de seleção dentro de um estreito espectro ao buscarem novos talentos nas instituições de maior prestígio que, dado ao elevado valor das mensalidades e taxas, possuem, em sua maioria, discentes da alta classe.

Outro ponto que devemos destacar a respeito do mito da meritocracia é o fato dos estudantes das classes menos privilegiadas terem de conciliar estudo e trabalho. Este é um ponto abordado em *Malhação – Seu Lugar no Mundo* (Globo, 2015), em que a maioria dos alunos do Dom Fernão conciliam ambas as atividades, enquanto os do Leal Brazil podem se dedicar aos estudos. Inclusive Jéssica, a estudante que criticou Beto e os colegas, trabalha em uma lanchonete e tem que conciliar o seu tempo com os estudos, sendo evidenciada esta situação na trama.

Resgatando a ação de Beto em filmar o Dom Fernão e postar nas redes sociais encontramos o diálogo com os jovens das escolas públicas brasileiras. Em 2012, a estudante Isadora Faber, então aluna da sétima série do ensino fundamental na Escola Básica Municipal Maria Tomazia Coelho, em Santa Catarina, cria uma página no Facebook chamada “Diário de Classe”⁸ em que registrava através de imagens e textos os problemas de infraestrutura da escola. A página se tornou um sucesso não apenas entre os colegas, mas também na grande mídia e no Facebook. Atualmente conta com mais de 500 mil inscritos e serviu de inspiração para que outros alunos criassem “Diários de Classe” para fazer reclamações da instituição que estudam.

Vemos a preocupação dos estudantes e a reivindicação de espaços mais adequados para estudarem. Ao mesmo tempo observamos através do uso dos dispositivos móveis e das redes sociais, como fazem as apropriações destas tecnologias para além da conversação entre amigos. O modo como utilizam/ consomem o celular, o Facebook, tirando fotos, escrevendo, denunciando os problemas nas escolas nos faz entender este universo estudantil.

O “consumo serve para pensar” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2004), para investigar a cultura, compreender as dinâmicas socioculturais de uma sociedade. Para Baccega (2011), o consumo manifesta e concretiza as práticas dos sujeitos, revelando suas identidades e sua posição na hierarquia social.

⁸ Página “Diário de Classe”, criada por Isadora Faber. Disponível em: < <http://bit.ly/2qo8Nz6> >. Acesso em: 10 abr. 2018.



Os alunos do Leal Brazil vão para ruas

Outra história que teve destaque ao longo dos primeiros capítulos foi protagonizada pelos alunos da escola Leal Brazil que decidiram se manifestar contra o uso de uniformes (Figuras 3 e 4). A cena apresenta a professora Monique que inconformada com a manifestação, resolve chamar a polícia. Na ocasião, o aluno Roger convoca os demais clamando “Vamo pra rua!”. A partir desta fala do aluno, podemos constatar que, apesar de não ser de forma explícita, “vamo pra rua” é uma referência às manifestações de junho de 2013, também conhecida como Jornada de Junho ou Manifestação dos 20 centavos⁹, que ocorreram 2 anos antes da veiculação da telenovela.



Figura 3: Polícia intervém na manifestação
Fonte: GloboPlay (cap. 7)

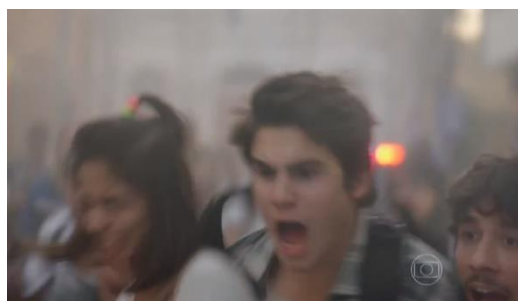


Figura 4: Gás lacrimogênio apavora alunos
Fonte: GloboPlay (cap. 7)

A questão do aumento da tarifa dos transportes é de suma importância para a compreensão das manifestações de junho de 2013. Mas, evidentemente, outros pontos foram levantados no decorrer dos protestos. Entretanto, não é nosso intuito discutir nesse artigo as razões pelas quais as manifestações ocorreram, mas sim, apontar como os signos linguísticos utilizados nesse momento são relevantes. Podemos citar como exemplo que, nas redes sociais, durante as manifestações, as *hashtags* #VemPraRua, #VamoPraRua, #AcordaBrasil, #Ogiganteacordou (SILVA, 2015) influenciaram na percepção dos brasileiros da palavra “rua”.

Para a geração destes adolescentes, “ir às ruas” é uma referência que os remete para aquele momento do país, em que houve grande mobilização social, principalmente de estudantes. Portanto, a linguagem materializa posições ideológicas (MITRAUD, 2015) e, na fala do personagem Roger, ele traz à tona a memória dessas manifestações.

⁹ “As manifestações de junho de 2013” foram vários protestos populares pelos brasileiros que inicialmente surgiram para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Além disso, podemos associar a intervenção da polícia na escola Leal Brazil com diversas polêmicas a respeito de situações semelhantes no cotidiano. Por exemplo, em 2015, policiais militares utilizaram spray de pimenta contra estudantes da Escola Estadual Fernão Dias Paes, em São Paulo¹⁰. Na ocasião, aproximadamente trinta alunos ocupavam a escola como forma de protesto contra a reforma do ensino público estadual de São Paulo. O tumulto começou quando um grupo de manifestantes subia a rua em frente à escola para encontrar outros jovens que faziam vigília no portão da entrada do colégio. Os policiais militares impediram a entrada dos manifestantes com o uso de spray de pimenta.

Vemos como o cotidiano ficcional dialoga com os acontecimentos do cotidiano. Embora a telenovela não tenha abordado a questão do aumento das tarifas, ela trouxe o embate dos estudantes com a polícia e, através da frase do aluno Roger “vamo pra rua”, pode resgatar na memória dos estudantes aquele período.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A telenovela é a narrativa da nação, presente em todos os lares brasileiros, traz temas para serem discutidos pela sociedade. Por ser uma obra aberta está sempre atenta aos acontecimentos da vida cotidiana, “de onde retiram parte de suas histórias em uma constante negociação de sentidos com a sociedade” (ABRÃO, 2017, p. 295).

Os primeiros capítulos da teleficção são fundamentais para guiar o receptor/ consumidor pela nova narrativa, trazendo os assuntos através de suas tramas e subtramas que delinearão o percurso a ser percorrido ao longo dos meses. Desta forma, analisamos os dois primeiros meses de *Malhação – Seu Lugar no Mundo* (Globo, 2015) a fim de levantarmos alguns dos temas discutidos e verificarmos como o cotidiano ficcional realizou o diálogo com o cotidiano concreto dos adolescentes de escolas públicas brasileiras naquele período.

Constatamos que a precariedade do ensino público, a vigilância nas escolas e a repressão foram alguns dos temas levantados. Do mesmo modo, vimos como a teleficção reforça o mito da meritocracia como se o estudo e dedicação fossem os únicos responsáveis pelo sucesso profissional.

¹⁰ Jornal O Globo. Ação de PM acaba em tumulto com alunos em escola ocupada de São Paulo: Disponível em: <<https://glo.bo/2JzJdJv>>. Acesso em 02 de abril de 2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Por fim, pudemos verificar os usos e as apropriações que os adolescentes fazem dos dispositivos móveis e das redes sociais, reivindicando e protestando, em busca de seus direitos como cidadãos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, Maria Amélia Paiva. *COMUNICAÇÃO, RECEPÇÃO E CONSUMO: as goianas, as marcas e a busca pelo corpo perfeito*. Revista *Cambiassu*, São Luís/MA, v.13, n° 21, p. 293-305.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. *Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela*. Revista *Estudos Feministas*. 2007, vol.15, n.1, pp.177-192.

BACCEGA, Maria Aparecida. A construção do “real” e do “ficcional”. In: FIGARO, R. (org.). *Comunicação e Análise de Discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2015. p.119-140.

_____. Inter-relações comunicação e consumo na trama cultural: o papel do sujeito ativo. In: CARRASCOZA, João Anzanello; ROCHA, Rose de Melo (Orgs.). *Consumo midiático e culturas da convergência*. São Paulo: Miró, 2011.

_____. NARRATIVA FICCIONAL DE TELEVISÃO: encontro com os temas sociais. In: *Comunicação & Educação*, n. 26, 2003, p. 7-16. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37468>.

_____. *Palavra e discurso: história e literatura*. São Paulo: Editora Ática, 2007.

BACCEGA, Maria Aparecida; BUDAG; Fernanda. RIBEIRO, L. Rebelde(s): consumo e valores nas telenovelas brasileira e mexicana. *Revista Eca XVIII*, São Paulo. 2012.

BLOODWORTH, James. *The myth of meritocracy why working-class kids get working-class jobs* (Provocations). Biteback Publishing, 2016.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Tradução: Plínio Dentzen. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Lúcia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LOPES, M. I. V. de. Telenovela como recurso comunicativo. *MATRIZES*, São Paulo, ano 3, n.1, p. 21-47, ago./dez. 2009.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michéle. *Histórias das teorias da comunicação*. Porto: Campo das letras editores, 1997.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

MENEZES, RENATO. *Big Brother Brasil: fabricação do cotidiano*. Dissertação. 134f. Universidade de Marília, São Paulo, 2005.

MITRAUD, Francisco. O discurso jornalístico do movimento das ruas: o que contam as manchetes de jornal sobre a mobilização popular de junho de 2013. In: BACCEGA, Marcia Aparecida (org). *Estudos de Comunicação e análise do discurso*. São Paulo. Intermeios, 2015.

MOTTER, M. L. A telenovela: documento. *Revista USP*, São Paulo, n. 48, p. 74-87, dez./fev. 2000-2001.

SHERINGHAM, Michel. *Everyday life: theories and practices from surrealism to the present*. Ney York: Oxford University Press Inc., 2006.

SILVA, Isabela. Enquadramentos das manifestações de junho de 2013 nos jornais the new york times e le monde. Monografia. 223f. Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2015.

TONDATO, Márcia. A construção da cidadania; identidades. In: COGO, Denise; ROCHA, Rose de Melo; HOFF, Tânia (Orgs.). *O que é consumo: Comunicação, dinâmicas produtivas e constituição de subjetividades*. Porto Alegre: Sulina, 2016.